



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16934 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

ENTRE REGRAS E RESISTÊNCIAS: A EDUCAÇÃO EM BELEZA PARA MULHERES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NO MÉTODO APAC

Vanessa Regina Gonçalves Nogueira - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Elenice Maria Cammarosano Onofre - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

ENTRE REGRAS E RESISTÊNCIAS: A EDUCAÇÃO EM BELEZA PARA MULHERES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NO MÉTODO APAC

O presente trabalho é fruto de pesquisa em andamento no doutorado em Educação. Aborda as complexas dinâmicas das práticas sociais e processos educativos relacionados à beleza entre mulheres que vivenciam a privação de liberdade no regime fechado da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) de uma cidade do interior de Minas Gerais/Brasil. Segundo Ferreira e Ottoboni (2016, p. 20), o método desta instituição

caracteriza-se pelo estabelecimento de uma disciplina rígida, baseada no respeito, na ordem, no trabalho e no envolvimento da família do recuperando. Uma das principais diferenças entre a APAC e o sistema prisional comum é que, na APAC, os próprios presos – denominados recuperandos – são corresponsáveis por sua recuperação. A APAC objetiva a recuperação do preso, a proteção da sociedade, o socorro às vítimas e a promoção da justiça restaurativa.

Sendo assim, o estudo se insere em um amplo contexto de desafios enfrentados por mulheres, submetidas a normas patriarcais que moldam suas identidades e experiências, particularmente visíveis nos padrões estéticos e sociais impostos. Muitas mulheres que entram no sistema prisional carregam consigo uma história marcada por diversas formas de vulnerabilidade. Antes mesmo de serem encarceradas, enfrentaram violência doméstica, abuso sexual, pobreza e barreiras significativas no acesso à educação e ao emprego. Além desses desafios, é comum que as mulheres enfrentem problemas de saúde mental, os quais muitas vezes são exacerbados pela experiência de estar presa. O estigma associado à imagem da “mulher criminosa” não apenas limita suas oportunidades dentro das paredes da prisão, mas também silencia suas vozes, refletindo uma ausência de escuta em relação aos seus desejos e

potenciais.

A concepção de vulnerabilidade feminina como uma condição inerente ao corpo feminino é frequentemente discutida, mas nem sempre entendida como uma construção social que serve a interesses de poder que legitimam práticas de violência física e psicológica. A própria exposição da vulnerabilidade pode ser vista como uma forma de resistência, um meio de reivindicar uma existência mais digna e menos precária. Portanto, a vulnerabilidade não é apenas resultado de fatores negativos, mas pode ser uma possibilidade para novas formas de enfrentar e desafiar as normas sociais vigentes (Butler, 2018).

A educação, conforme discutido por autores como Brandão (2007) e Freire (2015), não se limita ao contexto escolar, mas permeia todas as esferas da vida social. É um processo de reflexão, diálogo e construção de saberes que influenciam a percepção individual e as interações sociais das mulheres. Seguindo este pensamento, podemos explorar a potencialidade da prisão como uma instituição educativa, destacando a importância da transversalidade nas práticas sociais dentro do sistema prisional. Propõe-se que a prisão possa ser vista não apenas como um local de punição, mas também para a educação e integração dos indivíduos (XX, 2016). A beleza, como construto social, é moldada por normas e valores culturais (Duarte Júnior, 2009; Wolf, 2019), refletindo-se nas experiências das mulheres na APAC, onde a privação de liberdade intensifica as pressões e limitações relacionadas à autoimagem e autoestima.

Para este estudo, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa ancorada na etnometodologia e visa compreender como as práticas sociais e processos educativos na APAC influenciam os conceitos de beleza das mulheres ali presentes. As técnicas utilizadas incluem observação participante, rodas de conversa, diários de campo e entrevistas semiestruturadas. Esses métodos foram escolhidos para capturar as complexidades das interações cotidianas e das negociações identitárias no ambiente prisional.

Os resultados parciais revelam que as práticas sociais na APAC não apenas refletem, mas também exacerbam os ideais convencionais de beleza. A beleza é utilizada como um mecanismo de controle e punição, onde as mulheres são privadas de cuidados pessoais como forma de castigo. A educação em beleza na APAC não é somente uma questão estética, mas desempenha um papel crucial na preparação das mulheres para a (re)integração social. A beleza é um elemento de conexão com o mundo exterior, sendo interpretada e negociada de formas diversas pelas recuperandas.

O estudo tem evidenciado a importância da educação como uma prática social emancipatória, capaz de oferecer reflexões críticas sobre as normas culturais que moldam as percepções femininas de beleza e identidade. A continuidade da pesquisa se revela essencial para ampliar a compreensão sobre como as mulheres enfrentam e transformam estruturas patriarcais através de práticas educativas e sociais. A APAC emerge como um espaço significativo para investigar não apenas das dinâmicas de poder e resistência no sistema

prisional, mas também como a educação em beleza pode ser um instrumento de empoderamento feminino em contextos adversos.

Palavras-chave: Mulher; Beleza; Educação; APAC.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. *O que é beleza?* 2a reimpr. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

FERREIRA, Valdeci; OTTOBONI, Mário. *Método APAC: sistematização de processos*. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, Programa Novos Rumos, 2016.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

XX, 2016.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.